

maria luisete baptista

gota
de orvalho

Título

Gota de Orvalho

Autora

Maria Luisete Cardoso Baptista

Ilustração

Maria Luisete Cardoso Baptista

Capa

Grácio Editor

Coordenação Editorial

Rui Alexandre Grácio

Design gráfico e paginação

Grácio Editor

Impressão e acabamento

Tipografia Lousanense

1ª edição: Novembro de 2009

ISBN: 978-989-96375-3-5

Dep. Legal: 300854/09

© Rui Grácio e Maria Luisete Cardoso Baptista

Av. Emídio Navarro, nº 93, 2º Sala E

3000-151 Coimbra

e-mail: rgracio@gmail.pt

sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos

Ao Valdemiro, cuja presença tornou possível este
deambular pela ficção.

*«Não é por as coisas serem difíceis que não temos ousadia.
É por não termos ousadia que as coisas são difíceis.»*

Sêneca — escritor romano

1

O dia começa com a voragem acostumada de quem tem de cruzar ruas, praças, jardins e depositar, no final da corrida, o neto para que outros se encarreguem dele.

É sexta-feira.

Raquel, como rotina semanal, vai ao mercado da cidade abastecer-se do que de mais fresco há para, finalmente, alcançar o emprego. Este fica na penumbra da cidade grande que se alarga para lá do razoável. Depois de tudo bem aconchegado, no porta-bagagens do seu velho carro, e de ter colocado os alimentos frescos numa geleira portátil, chega à escola quase ao dito toque de entrada. Liberta-se do que não interessa para o momento e entra, na sua sala de aula, onde uma turma de vinte e oito alunos, do oitavo ano, a espera com a atenção devida e o silêncio necessário. Pede desculpa pelo seu ligeiríssimo atraso, mas eles não reagem. De repente, um levanta-se, chega-se a ela, e, de mansinho, retira-lhe umas flores brancas de grelos que enfeitavam os seus cabelos longos e pretos. Risada geral. Um pouco embaraçada, lá agradece e justifica tal enfeite com a ladainha de todas as mulheres — «Compras, mercado, filhos, netos, emprego... tudo nos carregam. Muito trabalho, meus meninos! Mas... vamos à lição».

Treze rapazes e quinze raparigas tinham, hoje, preparado, em casa, um texto sobre o clássico tema — «O que gostarias de ser no futuro?». Como se eles soubessem o que é esta coisa estranha de ser, e, ainda para complicar mais as suas

cabecitas, no futuro! Depois de algumas hesitações, Joana, uma rapariga de cabelos loiros encaracolados, fazendo lembrar cachos de uva maduros, banhados pelo sol de Verão, lê a sua redacção com uma voz fina e estridente que irrita, principalmente, os rapazes. Esta leitura é feita cheia de convicção, enquanto os outros se ajeitam nas carteiras a tentarem adivinhar o que se passaria, de seguida. Quer ser *top model*, como quase todas as raparigas do seu tempo. Nem todos os presentes concordam com a jovem, já que a contrapô-la surge o Rafael a dizer que gostaria de ser médico, pois isso de passar moda numa passarela não traz proveito algum para a felicidade do homem. Pouco a pouco, cada um vai assumindo a sua posição, colocando-se ao lado do respectivo colega.

Raquel deixa-se levar pela magia dos argumentos. Por alguns segundos, esquece o que é, imagina-se fazendo parte daquele mesmo grupo, defendendo a ideia brilhante de ser professora. Mas um toque estridente de campainha faz com que todos regressem à realidade.

Intervalo.

Ao chegar a casa, dirige-se ao escritório, pega numa pasta com muitos escritos, separa alguns, senta-se comodamente e relê velhas redacções do seu tempo de estudante sobre o mesmo tema. Quase as rotula de ridículas.

«O lugar que o professor ocupava, na sociedade de então, era de tal forma importante que motivava os petizes, levando-os a imaginar que ser professor poderia fazer parte do sonho...! Mas como tudo mudou!»

É um velho hábito este, o de escrever sobre o que se vai passando no seu quotidiano. Guarda sempre tudo a sete chaves.

De supetão, o marido entra, trazendo já o neto Ricardo. Este lança-se ao seu pescoço e ambos rolam pelo chão, apro-

veitando ainda restos da energia dos seus quatro anos. É loiro, muito loiro. Esperto e vivaz, corre pela casa toda à espreita de encontrar algo de novo que desperte a sua curiosidade, enquanto espera pela mãe.

E, em jeito de surpresa, acaba por encontrar um boneco vermelho que, teimosamente, se deixa estar ali, meio dentro, meio fora duma das gavetas do armário grande do quarto que fora da mãe. Não resiste a tais olhos convidativos e, sorrateiramente, vai buscá-lo, deixando-se entreter com ele. Os avós só o descobrem, quando o chamam para jantar, e ele, um pouco atordoado, grita — «Posso levar o boneco de peluche?»

